

## **Disciplina e mais-valia: os gérmens da reificação no Livro I de *O capital*<sup>1</sup>**

Ranieri Carli<sup>2</sup>

### **Resumo:**

Este artigo tem por objetivo investigar até que ponto a categoria da reificação consta enquanto tendência no Livro I da obra máxima de Marx, *O capital*. Para tal, a pesquisa se direciona primeiramente rumo à determinação da categoria da reificação e sua pertinência em tempos de capital monopolista. A partir daí, a discussão gira em torno da burocratização da conduta humana no cotidiano burguês. Adiante, tendo à mão o Livro I de *O capital*, serão chamados ao texto alguns instantes da obra que comprovam o quanto Marx já abstraía do movimento do capital a tendência à reificação da experiência cotidiana.

**Palavras-chave:** reificação; capital monopolista; disciplina; Marx.

### ***Discipline and surplus-value: the germs of reification in Book I of Capital***

### **Abstract:**

This article aims to investigate the extent to which the category of reification is a trend in Book I of Marx's maximal work, *Capital*. For this, the research is directed primarily towards the determination of the category of reification and its relevance in the age of monopoly capital. From there, the discussion gets around the bureaucratization of human conduct in bourgeois daily life. Ahead, with the book I of *Capital* in hands, some moments of the work will be taken to the text, to prove how Marx had already abstracted from the movement of capital the tendency to reification of everyday experience.

**Key words:** reification; monopolist capital; discipline; Marx.

---

<sup>1</sup> Revisado por Vânia Noeli Ferreira de Assunção.

<sup>2</sup> Doutor, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF – Rio das Ostras).  
Endereço eletrônico: raniericarli@gmail.com.

## **1. A categoria da reificação e seu caráter histórico**

De pronto, para iniciar a discussão que pretendemos com este artigo, é preciso clarificar que reificação é a categoria de que György Lukács lança mão em *História e consciência de classe* com o propósito de dar conta dos fenômenos que respeitam às modalidades de alienação que surgem com o capital monopolista; isto é, a baliza histórica finca-se, com efeito, no nascimento dessa nova fase de acumulação de capital. Tendo à mão a categoria, Lukács pretende demonstrar o inédito até então: agora, todos os âmbitos da vida social estão sob a regência do capital e não apenas a produção estritamente econômica de mercadorias. De fato, com o cotidiano reificado, o homem passa a se confrontar com a mercantilização de todas as “manifestações vitais”, como afirma Lukács no referido livro (2003, p. 193).

Num outro momento, procuramos exemplificar a experiência da reificação com a seguinte passagem:

Imaginemos um capitalista do setor metalúrgico. Para produzir o aço, este capitalista contrata funcionários que calculem o quanto deverá investir em capital variável e em capital constante, quanto poderá ser a sua taxa de exploração de maisvalor e sua taxa de lucro, como se dará a composição orgânica de seu capital, qual a força de trabalho pertinente para a produção de aço, qual o seu mercado consumidor, quanto se deve investir em propagandas para criar o seu mercado consumidor, qual o índice de produtividade e de intensificação do trabalho a ser atingido, em que passo andam os seus concorrentes etc. A produção e o consumo são calculados pela estatística a mais exata possível. O capitalista faz erguer uma estrutura burocrática em torno da produção e do consumo de sua mercadoria. Agora, imaginemos que se trata de um capitalista da área das artes (cinematografia ou literatura, por exemplo). As medidas a serem tomadas serão as mesmas, a princípio: tudo será posto sob o cálculo frio das estatísticas, da burocracia, da manipulação de dados rumo à maior obtenção de lucros. Uma outra estrutura burocrática se ergue aqui para gerenciar a produção e o consumo da cultura. Em tempos de reificação, a burocracia impõe-se, seja no que tange à produção de aço, de filmes ou de coletâneas de poemas. (CARLI, 2015, p. 282)

Dissemos naquele lugar que, de todos os pressupostos históricos para a reificação, o momento predominante é o advento do capitalismo monopolista (CARLI, 2015). Sem a chegada dos monopólios à economia capitalista, não haveria absolutamente nada do que se vê com o significado histórico da reificação. Tudo isso porque é próprio do capital monopolista algo que ainda não constava nos períodos anteriores do capitalismo, o que

H. Braverman denomina de “mercado universal”, que, segundo ele, transcorre por três instantes de uma mesma dinâmica:

Na fase do capitalismo monopolista, o primeiro passo na criação do mercado universal é a conquista de toda a produção de bens sob a forma de mercadoria; o segundo passo é a conquista de uma gama crescente de serviços e sua conversão em mercadorias; e o terceiro é um “ciclo de produto”, que inventa novos produtos e serviços, alguns dos quais tornam-se indispensáveis à medida que as condições da vida moderna mudam para destruir alternativas. (BRAVERMAN, 1977, p. 239)

Esta é a realidade que se oferece à reflexão de Braverman, que se vincula ao avanço do capital monopolista rumo à mercantilização da inteira sociabilidade durante a sua vigência.

No capítulo de sua *Ontologia do ser social* sobre a reprodução, G. Lukács já havia elaborado a tendência à mercantilização universal contida no capitalismo tardio; ao falar da manipulação implícita no avanço do capitalismo atual, Lukács afirma que “esta surgiu da necessidade de oferecer mercadorias em massa para o consumo a muitos milhões de compradores singulares e, a partir disso, se transformou num poder que solapa toda vida privada” (LUKÁCS, 2013, p. 341). A mercantilização a solapar toda a vida privada é um dos temas que unem obras tão distantes no tempo como *História e consciência de classe* e *Ontologia do ser social*.

Toda a sociabilidade humana passa a ser motivo de gerência burocrática do capital, transcendendo o chão da fábrica (CARLI, 2015). Com a reificação, a disciplina exigida no interior da fábrica passa a ser demandada também em seu exterior. Em *História e consciência de classe*, Lukács (2003, p. 208) se preocupa com o apassivamento do homem diante das “leis naturais” da economia do capital monopolista, uniformizados pela indústria e pelo mercado. A atitude disciplinada, passivamente contemplativa é a ideal para a realização da mais-valia dos monopólios. A gerência burocrática do cotidiano do homem médio é uma consequência da reificação.

A. Gramsci chegou a conclusões semelhantes às de Lukács. O pensador italiano elenca como uma das questões a serem estudadas quanto à manipulação da indústria monopolista a presença da “psicanálise (sua enorme difusão no após-guerra) como expressão do aumento da coerção moral exercida pelo aparelho estatal e social sobre os indivíduos e das crises mórbidas que esta coerção determina” (GRAMSCI, 2001, p. 242). Nos termos de Gramsci, vinculam-se a psicanálise e a coerção moral; a psicanálise atua para a domesticação do homem médio, docilizando o seu comportamento, coagindo-o a ponto de habituá-lo à passividade; produz-se um homem tranquilizado, remediado de tal maneira que o mal-estar da civilização burguesa torna-se suportável. Daí, a “enorme difusão” da

psicanálise não é outra coisa senão a “expressão do aumento da coerção moral” necessária para que a ordem do capital monopolista siga seu rumo sem atribulações. Um homem moldado pela reificação é o que se deduz das palavras de Gramsci: “na América, a racionalização determinou a necessidade de elaborar um novo tipo humano, adequado ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo” (GRAMSCI, 2001, p. 248). A cultura que nasce com este “novo homem adequado” foi acertadamente nomeada por Gramsci de americanismo.

Os hábitos a serem domesticados no homem médio são aqueles que figuram entre os elementos de “animalidade” da conduta humana, de acordo com Gramsci (2001, p. 262). A sexualidade torna-se um dos elementos desta espécie, cuja domesticação é imperativa para a criação deste novo tipo humano exigido pelos novos tempos. Isso porque “o operário que vai para o trabalho depois de uma noite de ‘orgias’ não é um bom trabalhador”, do que decorre que “o novo industrialismo quer a monogamia, quer que o homem-trabalhador não desperdice suas energias nervosas na busca desordenada e excitante da satisfação sexual ocasional” (GRAMSCI, 2001, p. 269).

O capitalismo tardio reforça as tendências inscritas no modo de produção capitalista desde sua consolidação. O excesso de racionalidade, do cálculo, da estatística da reificação é o cume de um processo longo e penoso de firmação histórica da sociabilidade burguesa. Conferindo materialidade aos conceitos da psicanálise de S. Freud, M. Schneider diz que a crescente “reificação das relações sociais reproduz-se no sujeito como ‘cisão patológica’ entre uma função do ego racionalmente calculado, constituída pelo princípio da troca, e uma função do id, de natureza não-calculadora e, portanto, ‘irracional’, separada da primeira” (SCHNEIDER, 1977, p. 316). Esta cisão patológica entre o ego e o id se dá com a repressão burguesa às emoções do homem domesticado, que aparecem como gasto desnecessário de forças – a começar pela sexualidade, com a eleição pelas ideologias puritanas do que M. Foucault (2010, p. 116) nomeia de “casal malthusiano” como o padrão de conduta típico da moral reificada. De fato, ao longo da consolidação do modo de produção capitalista, “o emocionalismo e o imediatismo dos seres humanos caíram sob os ditames dos cálculos rígidos e exatos do mercado; e o que dele restou foi atirado ao *underground* da ‘personalidade’, ela própria reduzida a um bem de consumo, isto é, ao ‘id’” (SCHNEIDER, 1977, p. 316).

Em síntese, a idade avançada dos monopólios eleva à enésima potência o mecanismo repressivo que está no seio do capitalismo: a prevalência do valor de troca e do trabalho abstrato, no lugar do valor de uso e do trabalho concreto. Decorre daí que o produto do trabalho destina-se à satisfação das necessidades humanas na medida em que, antes de

tudo, satisfaça as necessidades do capital; o capital deixará de produzir batatas uma vez que se deprecie o seu valor de troca, a despeito de seu valor de uso. Tem-se a repressão de todas as necessidades vitais a favor da necessidade do capital; a reificação expande exponencialmente essa dinâmica porque, agora, submetem-se à frieza do valor de troca não somente as necessidades vitais mais elementares do homem (supridas em certo grau pelas batatas), mas também as necessidades da fantasia (supridas em certo grau por Shakespeare, por exemplo).

Na mesma toada, suspendem-se os prazeres considerados superficiais para a produção de valores de troca, para o acúmulo de riquezas. As virtudes burguesas são a dedicação, a disciplina, a abstinência, a economia, a compulsão para o controle etc. Schneider pretende conferir historicidade às ideias de Freud quando o pai da psicanálise afirma que a civilização é criada pela abstinência dos instintos, que a civilização nasce para reprimir “o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um” (FREUD, 1978, p. 175). Freud fala acerca de uma civilização em abstrato, enquanto, em verdade, é preciso qualificar o projeto civilizatório burguês. Aqui, com todas as mediações possíveis, o recalque dos prazeres imediatos está enraizado na necessidade de valorização do capital. Nesse terreno, a livre experiência das emoções aparece como sinônimo de fracasso. A neurose se torna uma rebelião contra o cálculo frio da realidade reificada do capital monopolista. A grande incidência das doenças mentais surge como resposta ao empobrecimento psíquico da criação humana, especialmente do homem que trabalha.

Nada disso quer dizer que a sexualidade e as demais práticas não tenham sido objeto de disciplina por instituições das mais diversas, desde o estado até a família, passando pela religião e escolas, de qualquer época. Uma moralidade é sempre irremediavelmente necessária à sociabilidade humana. Nesse sentido, é correta a avaliação de Foucault segundo a qual “é preciso, portanto, abandonar a hipótese de que as sociedades industriais modernas inauguram um período de repressão mais intensa ao sexo” (2010, p. 56). De fato, a sociedade burguesa contemporânea não reprime a sexualidade nem mais nem menos do que qualquer outra formação societária. Porém, o que escapa a Foucault é a particularidade histórica a que responde a questão sexual de nosso tempo; o particular de nossa época é que a disciplina sexual imposta ao trabalhador nasce com demandas bem específicas, impossíveis de se generalizar historicamente. As modalidades de expropriação da mais-valia no bojo do avanço do capital monopolista caracterizam esta demanda, do modo explicado por Gramsci em citação anterior: não se pretende que o operário desperdice suas energias com o sexo fortuito, “que o homem-trabalhador não desperdice suas energias

nervosas na busca desordenada e excitante da satisfação sexual ocasional” (GRAMSCI, 2001, p. 269). Se houve a domesticação dos impulsos humanos em outras épocas, o que especifica a que vivenciamos atualmente é a sua funcionalidade para o capital monopolista e a conseqüente reificação do cotidiano burguês.

Em síntese, a reificação soma a mercantilização universal da sociabilidade em tempos de capital monopolista e a massificação domesticada do homem médio que se faz necessária para o consumo do cotidiano reificado; soma, de um lado, a mais-valia que os monopólios geram e, de outro, a disciplina do homem que trabalha e consome docilmente sob sua vigência.

## **2. As tendências embrionárias da reificação no Livro I de O capital**

É verdade, Marx não viveu a ponto de presenciar o processo de reificação do cotidiano burguês, como lembra sabiamente Lukács: “os *Manuscritos econômicos e filosóficos* podem nos mostrar o fenômeno da alienação de modo bastante plástico e filosófico, mas o problema atual da alienação tem hoje uma outra fisionomia, diferente daquela que podia ter há 120 anos, no tempo de Marx” (LUKÁCS *apud* HOLZ; KOFLER; ABENDROTH, 1969, p. 56; grifos originais). A outra fisionomia que a alienação assume nos dias de hoje, a que Lukács se refere no trecho transcrito, é precisamente a da reificação. Os limites de Marx, portanto, não foram gnosiológicos, mas, sim, históricos: a reificação não estava objetivamente posta em seu tempo e, assim sendo, não poderia ter sido alçada à condição de objeto de sua investigação.

Não passaram alheias a Marx, no entanto, as investidas do capital rumo à administração da vida societária ao longo do século XIX, o que nos faculta dizer que os germens da reificação estão claramente observados na sua obra, especialmente no primeiro livro de *O capital*. Se a reificação não estava inteiramente posta como realidade para o século de Marx, o mesmo não pode ser dito com relação às tendências que culminaram no controle societário e disciplinar do cotidiano por parte do capital. À proporção que os embriões da reificação se anunciavam frente a seus olhos, Marx os registrou atentamente.

Anotemos alguns extratos.

Antes de *O capital*, texto no qual está contido o maior número desses extratos, Marx havia percebido a gerência disciplinadora da força de trabalho no interior das indústrias de seu tempo. Que se leia a sua crítica:

Cada fabricante tem, para seu uso particular, um verdadeiro código em que há muitas fixas para todas as faltas voluntárias

ou involuntárias. Por exemplo, o operário pagará um tanto se tiver a infelicidade de se sentar numa cadeira, se murmurar, se conversar, se se rir, se chegar alguns minutos mais tarde, se uma parte da máquina se partir, se não entregar os objetos com a qualidade requerida etc. As multas são sempre mais elevadas do que o prejuízo verdadeiramente causado pelo operário. E para dar ao operário todas as facilidades de incorrer em multas, adianta-se o relógio da fábrica, dão-se más matérias-primas para que o operário faça com elas bons produtos. Destitui-se o contramestre que não seja suficientemente hábil para multiplicar os casos de contravenção. (MARX, 2001, p. 163)

A realidade descrita acima é a estratégia do capital para anular os poros da jornada de trabalho, intensificando o processo produtivo, administrando a força de trabalho com as normas listadas, com a especial menção das multas. As formas de manipulação burguesa narradas por Marx em 1847 são os antecedentes das formas criadas posteriormente por Taylor em sua tentativa de fazer da força de trabalho um gorila domesticado, do que se conclui que o cronômetro taylorista é tão somente o ponto culminante de uma história que finca raízes num passado longínquo.

No ano seguinte, em 1848, quando da publicação do *Manifesto comunista*, Marx e Engels fazem o correto uso do termo “adestramento” para argumentar que as críticas burguesas concernentes ao possível desaparecimento da cultura com o advento de uma sociedade comunista esquecem que a cultura burguesa significa para “a imensa maioria dos homens apenas um adestramento que os transforma em máquinas” (MARX; ENGELS, 2008, p. 54). Certamente não é um termo gratuito. “Adestramento” é a palavra-chave ao se tratar da educação moral do comportamento do operariado no chão da fábrica, do controle de seus gestos, sendo também pertinente para simbolizá-la nas demais esferas do cotidiano reificado.

É, contudo, da obra máxima de Marx que transbordam as alusões às tendências que culminariam na reificação do cotidiano burguês em tempos de capital monopolista. No primeiro volume de *O capital* há inúmeras referências ao tema. Apresentemos a seguir algumas delas.

As menções começam pela própria coisificação do real burguês graças à dinâmica inerente à produção de mercadorias. Porém, como explica Marx abaixo, a objetividade sensível da mercadoria esconde em seu caráter fetichizado o valor engendrado pelo trabalho dos homens:

Exatamente ao contrário da objetividade sensível e crua dos corpos das mercadorias, na objetividade de seu valor não está contido um único átomo de matéria natural. Por isso, pode-se virar e revirar uma mercadoria como se queira, e ela permanece inapreensível como coisa de valor [*Wertding*]. Lembremo-nos, todavia, de que as mercadorias possuem objetividade de valor

apenas na medida em que são expressões da mesma unidade social, do trabalho humano, pois sua objetividade de valor é puramente social e, por isso, é evidente que ela só pode se manifestar numa relação social entre mercadorias. (MARX, 2013, p. 125)

Eis que a objetividade sensível das mercadorias esconde a “objetividade de valor” da ação humana. O humano criador não se apresenta à nossa sensibilidade no imediato da cotidianidade coisificada da sociedade capitalista. Sob a forma das mercadorias, o trabalho torna-se coisa manipulável, autônoma; o predicado se desvincula do sujeito da ação. Daí, “seu próprio movimento social possui, para eles [os homens], a forma de um movimento de coisas, sob cujo controle se encontram, em vez de eles as controlarem” (MARX, 2013, p. 150).

Ademais, em *O capital*, Marx registra também as tendências que culminariam na monopolização da economia capitalista, o solo de que nasce a reificação. Isso se dá especialmente quando se lê o que o nosso autor escreve acerca da centralização e concentração de capital:

A luta concorrencial é travada por meio do barateamento das mercadorias. O baixo preço das mercadorias depende, *caeteris paribus*, da produtividade do trabalho, mas esta, por sua vez, depende da escala da produção. Os capitais maiores derrotam, portanto, os menores (...). Os capitais menores buscam, por isso, as esferas da produção das quais a grande indústria se apoderou apenas esporádica ou incompletamente. A concorrência aflora ali na proporção direta da quantidade e na proporção inversa do tamanho dos capitais rivais. Ela termina sempre com a ruína de muitos capitalistas menores, cujos capitais em parte passam às mãos do vencedor, em parte se perdem (...). Paralelamente, o progresso da acumulação aumenta o material centralizável, isto é, os capitais individuais, ao mesmo tempo que a ampliação da produção capitalista cria aqui a necessidade social, acolá os meios técnicos daqueles poderosos empreendimentos industriais cuja realização está vinculada a uma centralização prévia do capital. Hoje, portanto, a força de atração mútua dos capitais individuais e a tendência à centralização são mais fortes do que qualquer época anterior. (MARX, 2013, p. 702)

Marx finaliza o trecho acima dizendo que a tendência à centralização de capital é mais forte em seu tempo do que em qualquer outra época anterior. A força de tal tendência se realiza com maior intensidade quando se transita para o estágio do capital monopolista. Todas as linhas da citação servem com justeza para a compreensão desse novo estágio de desenvolvimento do capital.

Em meio às anotações de *O capital*, vez ou outra, é possível encontrar alusões à manipulação da vida social que indicam as tendências da reificação de que falamos. É o caso da seguinte passagem, em que Marx



escreve que “apenas olhando um homem não é possível perceber com exatidão quantos dias ele já morreu”, muito embora isso não seja impedimento para “que companhias de seguros, baseando-se na expectativa média de vida dos homens, possam chegar a conclusões muito seguras e, mais ainda, lucrativas” (MARX, 2013 p. 281). O cálculo racional e frio da estatística presta-se ao capital na tarefa de manipular a vida humana a ponto de quantificar em que medida se lucra com a expectativa média de vida dos homens.

O movimento de padronização do trabalho, simplificando-o ao limite para que as habilidades do operário sejam reduzidas a um conjunto mínimo de execuções burocráticas, um dos futuros propósitos da administração taylorista, não passa despercebido a Marx, ao afirmar que “o trabalhador, aqui, não é mais do que tempo de trabalho personificado. Todas as diferenças individuais se dissolvem na distinção entre trabalhadores de ‘jornada integral’ e de ‘meia jornada’” (MARX, 2013, p. 317). As singularidades dos trabalhadores, aquilo que os distingue como personalidades próprias, apagam-se nos catálogos, nas gavetas dos departamentos da gerência da força de trabalho, sob a rubrica de trabalhadores que cumprem ou a jornada integral, ou a meia jornada; as singularidades dos homens que trabalham se perdem em meio à categorização burocrática daqueles que estão alocados ou em “jornada integral” ou em “meia jornada”. Sejam Pedro ou Paulo, ambos são generalizados uniformemente como “tempo de trabalho personificado”, e tornam-se variáveis contábeis, o que facilita a manipulação por parte dessa gerência.

Marx constata em outro instante de *O capital* que a administração manipuladora da força de trabalho poderia fazer estender a jornada de trabalho para o restante das 24 horas do dia do operário. Assim, as horas de fruição autônoma do trabalhador transformam-se em horas de trabalho, de produção de mais-valor; assim, do ponto de vista da burguesia,

a jornada de trabalho contém 24 horas inteiras, deduzidas as poucas horas de repouso sem as quais a força de trabalho ficaria absolutamente incapacitada de realizar novamente seu serviço. Desde já, é evidente que o trabalhador, durante toda sua vida, não é senão força de trabalho, razão pela qual todo o seu tempo disponível é, por natureza e por direito, tempo de trabalho, que pertence, portanto, à autovalorização do capital. Tempo para a formação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o cumprimento de funções sociais, para relações sociais, para o livre jogo das forças vitais físicas e intelectuais, mesmo o tempo livre do domingo – e até mesmo no país do sabatismo – é pura futilidade! (MARX, 2013, p. 337).

Para o trabalhador, o reino da liberdade, isto é, o tempo para além do trabalho em que estão dadas as possibilidades para o desenvolvimento humano em si mesmo, tende a ser reduzido a zero pelo capital. Todo e qualquer limite físico ou moral para a extensão da jornada de trabalho é transgredido pelo capital no caminho rumo à extração de mais-valor absoluto. A vida fora de fábrica é mero instante de repouso que faculta o necessário retorno ao processo de valorização. Marx vê que, potencialmente, qualquer instante do tempo de vida pode se metamorfosear em tempo para o capital. A produção da mais-valia requer prioridade em face dos aspectos que Marx lista acima, como a “formação humana”, o “desenvolvimento intelectual”, o “cumprimento das funções vitais”, o “livre jogo das forças vitais físicas e intelectuais”. Como Marx bem o sabe, para que o cotidiano se converta em “livre jogo das forças vitais físicas e intelectuais”, é necessário o fim da pré-história da humanidade.

Não é casual que, ao discutir as lutas em torno da jornada de trabalho, Marx tenha dado especial atenção à constituição das chamadas “casas de trabalho” na Inglaterra, as *workhouses*. Elas nascem como “instrumento de eficácia comprovada: trancafiar esses trabalhadores, que dependem da beneficência pública, numa palavra, os *paupers*, numa ‘casa ideal de trabalho’” (MARX, 2013, p. 348). É o ideal burguês de gerência, de administração absoluta do trabalho dos operários desempregados dependentes das políticas de assistência social (os *paupers*), trancafiados numa “casa” arquitetada unicamente para a extração de mais-valor. O ideal de uma *workhouse* saiu do papel e se concretizou na indústria moderna, nascida da Revolução Industrial, que, dessa vez, não se destinaria tão somente aos *paupers*, mas a todos os trabalhadores fabris. Segundo Marx, “a ‘Casa do Terror’ para os *paupers*, com a qual a alma do capital ainda sonhava em 1770, ergueu-se alguns anos mais tarde como uma gigante ‘casa do trabalho’ para os trabalhadores da manufatura. Chamou-se fábrica. E, dessa vez, o ideal empalideceu diante da realidade” (MARX, 2013, p. 349).

O tema do gerente propriamente dito vem à tona em *O capital* durante o capítulo sobre a cooperação. É mérito da exposição de Marx que a direção capitalista do trabalho combinado não seja vista apenas como uma necessidade espontânea, assim como o é a direção de um maestro em face da orquestra; ainda que também atente para o fato de que a direção capitalista do trabalho combinado corresponda a um movimento necessário, Marx percebe o seu aspecto político, traduzindo-o com as seguintes palavras:

Conforme a massa dos trabalhadores simultaneamente ocupados aumenta, aumenta também a sua resistência e, com ela, a pressão do capital para superá-la. O comando do

capitalista não é apenas uma função específica, proveniente da natureza do processo social de trabalho e, portanto, peculiar a esse processo, mas, ao mesmo tempo, uma função de exploração de um processo social de trabalho, sendo, por isso, determinada pelo antagonismo inevitável entre o explorador e a matéria-prima de sua exploração. (MARX, 2013, p. 406)

É certo que o comando capitalista aparece como um movimento necessário em face da massa de trabalhadores a ser gerenciada; porém, o que Marx sublinha aqui é que a massa de trabalhadores deve ser gerenciada para que se garanta a exploração da força de trabalho combinada, quebrando as resistências que impedem a intensificação do processo de trabalho.

A este ponto, cessa a comparação metafórica com a orquestra e seu maestro, uma vez que o comando advindo do capital é experimentado pelo trabalho como um fenômeno externo, imposto, alienado, estranho, contra a sua vontade. Na escrita de Marx, a gerência capitalista é “despótica em sua forma” (MARX, 2013, p. 407).

A metáfora da orquestra de músicos regida por um maestro cessa para dar lugar à metáfora do exército de soldados uniformizados, com a requerida “disciplina de quartel” (MARX, 2013, p. 495). Esta disciplina de quartel de que nos fala Marx é o trabalho adestrado, mecanicamente praticado pelos trabalhadores que se deparam com a fábrica mecanizada, com a grande indústria que implanta a máquina em seu processo produtivo. A disciplina da força de trabalho sempre foi pedra de toque para o capital; no entanto, essa exigência para o capital se intensifica com o sistema de máquinas tomando conta do processo de produção, fazendo-o um autômato com o qual se defronta o trabalhador: este autômato, aparentemente emancipado da ação humana, exige o máximo de disciplina da força de trabalho, para que não se comprometa o seu fluxo contínuo e perpétuo. E, de fato, para lidar com a disciplina necessária para que o sistema de máquinas não tenha o seu funcionamento prejudicado pela inabilidade do trabalhador, o capital cria para si mesmo os códigos fabris, que dizem respeito às multas passíveis de serem aplicadas aos trabalhadores quando puserem em risco o andamento contínuo do sistema de máquinas. Lembrem-se de que, como vimos no início do item, esta era uma preocupação de Marx desde 1847. Deste modo, “no lugar do chicote do feitor de escravos, surge o manual de punições do supervisor fabril. Todas as punições se convertem, naturalmente, em multas pecuniárias e descontos de salários” (MARX, 2013, p. 496). Marx completa com a constatação que o código foi providencialmente elaborado de forma que “a transgressão das leis” fosse mais lucrativa para o capital do que a sua “observância” (MARX, 2013, p. 496).

Adiante, ao tratar do salário por peça, Marx volta a chamar a atenção para a supervisão administradora do trabalho por parte do capital, referindo-se às novas formas por ela assumidas quando esta modalidade de salário é introduzida. Com o salário sendo pago de acordo com as peças produzidas, a quantidade e a qualidade dos produtos ficam sob a vigilância do próprio trabalhador; isso não quer dizer que termina a administração controladora do trabalho; ao contrário, ela assume uma forma peculiar. O capital se exime de gerenciar cotidianamente, lado a lado, cada uma das execuções feitas pelo trabalho no processo produtivo; assim, o salário por peça faz “supérflua grande parte da supervisão do trabalho”. Torna-se possível para o capital delegar a responsabilidade da supervisão cotidiana dos pormenores do trabalho a um “trabalhador principal”. Daí, “o salário por peça (...) facilita a interposição de parasitas entre o capitalista e o assalariado”, outra característica da produção capitalista que seria exacerbada pelo taylorismo posteriormente. Do que se conclui que “a exploração dos trabalhadores pelo capital se efetiva, aqui, mediante a exploração do trabalhador pelo trabalhador” (MARX, 2013, p. 624).

Enfim, é significativo que os extratos de Marx sobre a gerência administrativa da força de trabalho, o adestramento dos trabalhadores, a regulação burguesa dos comportamentos etc. estejam quase sempre vinculados à vida no interior da fábrica e façam parca menção às demais esferas do cotidiano: demonstra o caráter historicamente inédito da reificação e o seu advento em tempos de capital monopolista, um fenômeno que Marx não esteve em condições de presenciar, muito embora o tenha vislumbrado como tendência.

### **Conclusão**

Estes foram alguns extratos retirados do Livro I de *O capital* que indicam o fenômeno que viria a ser a reificação. Foram alguns dentre vários. É interessante sublinhar a leitura destes trechos escritos por Marx quando nos deparamos com os últimos avanços da manipulação reificadora da conduta do homem cotidiano. Um deles é a especialidade que atende pelo nome de *neuromarketing*. Apresentado por seus apologetas como a “nova ciência do comportamento consumidor” (MORIN, 2011, p. 131), o *neuromarketing* estuda a incidência das propagandas nas zonas do cérebro; por exemplo, em 2004, os primeiros estudos da nova ciência sugeriram que “uma marca forte como a Coca-Cola tem o poder de ‘se apossar’ de um pedaço do nosso córtex frontal” (MORIN, 2011, p. 132). As tecnologias desenvolvidas pela neurociência permitem localizar estas zonas cerebrais por meio de imagens, o que facilita a estratégia de manipular a conduta dos consumidores.

Um livro de 2010, escrito por Leon Zurawicki, que sintetiza os debates de uma especialidade tão recente como o *neuromarketing*, tem como subtítulo sugestivo “explorando o cérebro do consumidor” (ZURAWICKI, 2010). A referência à “exploração” não deve passar despercebida, mesmo porque o livro é um verdadeiro manual da ciência, detalhando sem meias palavras o modo pelo qual é possível moldar o gosto do consumidor, por meio da manipulação ardilosa das ondas cerebrais. O autor também relata as primeiras experiências do *neuromarketing*, de acordo com as quais se analisou a escolha de grupos de indivíduos pela Coca-Cola ou pela Pepsi. Assim, chegou à conclusão de que a escolha pela Coca-Cola produziu uma forte incidência em áreas do cérebro como “o hipocampo bilateral, o parahipocampus, o mesencéfalo, DLPFC, o tálamo e o córtex visual esquerdo” (ZURAWICKI, 2010, p. 72), sendo que, no caso da Pepsi, entretanto, a mesma resposta não se constatou.

Até agora, esse é o ponto culminante da reificação. Vê-se a manipulação nua e crua de indivíduos singulares em laboratórios para se gerarem os grandes lucros dos monopólios. Não é fora de propósito que os homens que participam dos testes são equiparados a animais como sapos que servem às pesquisas laboratoriais, o que se evidencia na sentença conclusiva do ensaio de C. Morin: “as palavras não funcionam, mas as imagens sim. Por quê? É uma coisa do cérebro reptiliano” (2011, p. 135).

Não estava inscrito nos germens do capital monopolista que as suas estratégias manipulatórias culminariam irrevogavelmente no *neuromarketing*. Para a veraz compreensão dos últimos avanços da reificação, não se deve traçar uma linha evolutiva que nos conduz do mais simples para o mais complexo com a inevitabilidade de uma necessidade férrea. Ao contrário, a chave explicativa do macaco é o homem, e não o oposto. É preciso caminhar do presente para o passado, do resultado para o ponto de partida. Isso quer dizer que as análises se dão sempre *post festum*. As especialidades que o processo reificador criou ao longo da história dão relevo aos trechos que extraímos do primeiro livro da obra máxima de Marx. Como capturar o passado de experiências como essas, rastreando-o em suas categorias constitutivas? Marx o fez em *O capital*. Apenas porque o movimento do capital chegou a conceber uma ciência como o *neuromarketing* é que as tendências apreendidas por Marx, que dizem respeito às raízes da reificação, merecem atenção redobrada quando se lê *O capital*.

Como dissemos com Lukács, Marx não estava em condições históricas de ver a reificação. Percebam que até mesmo as tecnologias necessárias ao *neuromarketing* não estavam postas para o desenvolvimento das forças produtivas do século XIX. Porém, o germinar da reificação é lido com todo o vigor no Livro I de *O capital*. Espera-se que

se tenha clarificado que a leitura de *O capital* é o pressuposto histórico para a leitura de *História e consciência de classe*, de Lukács, do *Americanismo e fordismo*, de Gramsci, ou de *O capitalismo tardio*, de E. Mandel. Se as forças em luta durante o século XX tivessem traçado outro caminho, é possível que aqui estivéssemos dando destaque para outras passagens de *O capital*, com significado distinto, que nos explicassem as raízes de movimentos diversos, para além da manipulação do cotidiano burguês como se deu com a consolidação do capital monopolista.

### **Referências bibliográficas**

- HOLZ, Hans H.; KOFLER, Leo; ABENDROTH, Wolfgang. *Conversando com Lukács*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- CARLI, Ranieri. György Lukács e a literatura sob o processo de reificação. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura*. Brasília, Editora da UnB, n. 39, v. 1, pp. 281-97, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* v. I: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Mal-estar na civilização*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere* v. IV: temas de cultura. Ação católica. Americanismo e fordismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LUKÁCS, György. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Para uma ontologia do ser social* v. II. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. “Discurso sobre o problema do livre-câmbio”. In: MARX, Karl. *Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da miséria* de Proudhon. São Paulo: Centauro, 2001, pp. 159-73.
- \_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política* v. I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MORIN, Christophe. Neuromarketing: the new science of consumer behavior. *Symposium of consumer culture in global perspective*. Nova York, Springer, v. I, n. 1, pp. 131-5, 2011.
- SCHNEIDER, Michael. *Neuroses e classes sociais: uma síntese freudiano-marxista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

ZURAWICKI, Leon. *Neuromarketing: exploring the brain of the consumer*. Nova York: Springer, 2010.

Como citar:

CARLI, Ranieri. Disciplina e mais-valia: os gérmens da reificação no Livro I de *O capital*. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, pp. 74-88, abr./2018.

Data de envio: 22/4/2017

Data de aceite: 27/6/2017